

Declaração Conjunta por motivo do 1º de Maio de 2013

Frente à crise geral do imperialismo, preparar, iniciar e desenvolver Guerras Populares até o comunismo!

Saudamos o proletariado internacional, os trabalhadores explorados e oprimidos do mundo, saudamos as lutas armadas de libertação nacional no Iraque, Afeganistão, Curdistão e na heroica Palestina. Saudamos as massas populares que se levantam, lutam, combatem e resistem em todo mundo contra o imperialismo e os regimes reacionários de seus países; mesmo quando em muitas destas lutas se careça de um estado-maior proletário, se geram excelentes condições para a inevitável e necessária forja desta direção.

Todas estas batalhas são parte da fogueira da luta de classes, nelas forjamos o mais duro e afiado aço para impulsionar a nova grande onda da revolução proletária mundial.

Saudamos de forma especial as massas revolucionárias que sob a direção de Partidos Comunistas marxistas-leninistas-maoístas desenvolvem ou preparam a Guerra Popular.

Tal como há 127 anos o proletariado não cessa de combater; superando dificuldades imensas, próprias ou impostas por seus inimigos de classe, não arriou jamais sua vermelha bandeira. Nessas grandes batalhas, travadas em Chicago em 1886 ou naquelas de Paris em 1871, já se gestava a Guerra Popular; assim é a luta de classes e dela o Presidente Mao nos pediu que não a esquecêssemos jamais. Justamente, luta de classes expressa na Guerra Popular pela conquista do poder pela e para a classe e o povo; luta de classes pelo triunfo cabal e completo da Revolução de Nova Democracia; luta de classes pelo estabelecimento da Ditadura do Proletariado e o Socialismo; luta de classes expressa nas Revoluções Culturais Proletárias até o Comunismo: em Guerra Popular até o Comunismo!

Aprofunda-se a crise imperialista, as massas se levantam

O sistema imperialista vive uma das maiores crises de sua história, esta é parte de sua crise geral, crise de superprodução (insolúvel sob o capitalismo) e se agudizam todas as contradições fundamentais da época no mundo: entre proletariado e burguesia, entre distintos países imperialistas, entre nações oprimidas e o imperialismo, sendo esta última a principal.

Como expressão do dito acima, o imperialismo descarrega a crise nas nações oprimidas agudizando nelas as contradições entre massas e semifeudalidade, evoluindo esta em suas formas, encobrimdo-as, aprofundando, por outro lado, a condição colonial e semicolonial destas, tentando salvar o capitalismo burocrático nelas existente, aumentando para isso a superexploração da classe operária, levando a uma maior concentração da terra e da riqueza, empobrecendo as massas, encarecendo a vida, saqueando seus recursos, corporativizando o movimento operário e popular e criminalizando suas lutas.

Por outra parte, nos próprios países imperialistas, seus respectivos Estados adotam distintas medidas contra o proletariado e demais massas trabalhadoras: reduzindo salários, aumentando a idade de aposentadoria, cortando direitos e benefícios sociais, diminuindo o orçamento na saúde e educação, aumentando a carga de impostos, etc.

Finalmente, atacando todas as conquistas dos trabalhadores, seja nos próprios países imperialistas ou em suas colônias e semicolônias, reprimindo brutalmente suas lutas, tentando controlar as massas desenvolvendo diversos programas e “políticas compensatórias” instruídas pelo próprio imperialismo e/ou cooptando os dirigentes das organizações operárias e populares. Aplicando formas fascistas e demoliberais

de governo; desenvolvendo por último cretinismo parlamentar, pretendendo encobrir com isso a crescente tendência para a reacionarização e militarização da sociedade.

Expressão disto são os desesperados esforços do imperialismo – particularmente do imperialismo ianque – para sair de sua crise, lançando-se para isso a uma nova partilha do mundo, intervindo cada vez de maneira mais direta nas nações oprimidas, através de suas guerras de rapina, fazendo todo tipo de manobras para derrubar governos que já não lhes sejam úteis, mantendo os que lhes são funcionais, jogando massas contra massas, provocando distúrbios, organizando milícias e mercenários a seu serviço.

Esta crise vem se aprofundando e a perspectiva de que países imperialistas, como Alemanha, entrem em recessão ou que ocorra o mesmo com o imperialismo chinês, com a tendência para a desaceleração de sua economia, não fazem outra coisa senão que converter numa vã fantasia as projeções de recuperação; inclusive a situação vem se agravando na Rússia, Japão e no próprio USA (entranhas da besta-fera). As próprias projeções de crescimento mundial do FMI e do Banco Mundial a respeito têm tido que se corrigir para baixo, evidenciando pessimismo e desagregação nas fileiras inimigas. Toda esta situação aumenta a pressão por uma nova partilha do mundo em meio a conluio e pugna interimperialista. A situação no Magreb ou no levante do Mediterrâneo (Síria e outros) ou África mostram a crescente agressão do imperialismo francês, inglês e alemão. No Mar da China e no Pacífico ocidental (Coreia do Norte) o imperialismo japonês se rearma aceleradamente e busca ganhar posições em conluio e pugna com o imperialismo ianque para enfrentar Rússia e China.

As diferentes mudanças que vêm se produzindo na situação internacional não têm modificado as contradições fundamentais do mundo contemporâneo, tampouco têm alterado o caráter de superpotência única e hegemônica que detém o imperialismo ianque.

Frente a esta agudização das contradições fundamentais, como uma forma de responder às medidas antipopulares que querem impor ou que têm sido impostas, as massas têm respondido por todo o mundo repetindo e bradando a consigna de que “a rebelião se justifica”, com grandes levantamentos que sacodem a velha ordem. É assim como as massas populares, fazedoras da história, têm derrubado regimes lacaios do imperialismo, ao mesmo tempo em que ampliam as lutas de libertação nacional no Iraque, Afeganistão, Manipur, Curdistão e Palestina.

As próprias metrópoles das potências imperialistas no velho mundo são açoitadas por grandes ondas de lutas operárias e vão se espalhando por toda Europa. Na China fascista, recentes movimentos de protestos nos assinalam uma formidável massa concentrada de trabalhadores que representam um potencial de magnitude sem igual, que vem encabeçando estas lutas, criando possibilidades de imprevisíveis tormentas para toda a ordem social-imperialista.

Toda a crise do imperialismo não pode fazer mais que agudizar a contradição entre revolução e contrarrevolução em todos os planos. Ademais de seu combate à revolução, o imperialismo tem no terreno ideológico um componente fundamental de sua ofensiva contrarrevolucionária, criando formas de confundir, levantando cortinas de fumaça ou propiciando a capitulação. Isto porque aprenderam em sua experiência de combate à revolução, que é precisamente no terreno ideológico que reside o ponto crucial para fazer avançar ou retroceder a revolução em cada país.

O Presidente Mao Tsetung assinalou que América Latina é uma das zonas de tempestades revolucionárias. Isto tem ficado demonstrado a sangue com as inumeráveis e combativas lutas desenvolvidas pelas massas no campo e na cidade; em particular, a Guerra Popular no Peru tem sido uma destas tormentas que têm sacudido até a sua base o domínio imperialista na região.

Os distintos governos lacaios de turno nos países da América Latina estão aplicando no fundamental as tarefas contrarrevolucionárias que o imperialismo lhes tem imposto, com isto se busca descarregar a própria crise imperialista sobre os povos latino-americanos, impulsionar o desfalecente capitalismo burocrático neles, aprofundar a condição semicolonial e semifeudal destes, através da aplicação de

políticas reacionárias em toda linha, combinadas ou não com falsos discursos anti-imperialistas e pseudorrevolucionários. Em relação aos governos social-fascistas de Morales, Correa e Maduro-Chávez, ante a combatividade das massas têm reestruturado recentemente seus velhos Estados e impulsionado a corporativização da sociedade.

Com os governos de Dilma-Lula mais que nunca o Estado brasileiro tem se desenvolvido como ponta de lança do imperialismo ianque na região, no econômico, político e militar, com o reacionário e genocida exército brasileiro à cabeça da UNASUL, como o evidencia na ocupação militar do Haiti.

Tomada a situação em seu conjunto, América Latina não deixou de ser o quintal do imperialismo ianque, isto significa, entre outros aspectos, que segue sendo importante ponto de apoio para suas ofensivas contra outros povos.

O proletariado necessita da Internacional Comunista

A crise imperialista, as ondas de levantamentos, lutas de libertação nacional e guerras populares têm repercutido enorme e favoravelmente no Movimento Comunista Internacional (MCI). Entretanto, frente à impossibilidade de derrotar ideológica, política e militarmente as guerras populares, levantamentos armados e lutas de massas revolucionárias, a burguesia tem tido que etiquetar-se como “marxista-leninista-maoísta” para poder se infiltrar nos partidos comunistas e assim poder frear suas lutas, desviá-las para a capitulação, acordos de paz ou espúrias negociações. Fenômenos como estes não são novos e já os temos presenciado no passado em alguns partidos comunistas, exemplo disso se deram depois da II Guerra Mundial ou mais contemporaneamente no Nepal com a traição do *prachandismo* à Guerra Popular e à Revolução de Nova Democracia.

Em particular, Avakian (representante da burguesia nas fileiras proletárias) e seu revisionismo (expresso na “Nova Síntese”), levaram ao total e completo desencaminhamento e liquidação de seu partido, o Partido Comunista Revolucionário do USA.

O revisionismo de Avakian nega, entre outros aspectos, o socialismo científico, nega a missão histórica do proletariado, nega a luta de classes e a guerra popular como única forma de se estabelecer, desenvolver e defender o novo poder e a Ditadura do Proletariado; em filosofia, nega a teoria marxista do conhecimento e o materialismo dialético e histórico. Ao contrário, o *avakianismo* oferece a velha e apodrecida ideologia burguesa expressa em seu cacarejo “nova síntese” fazendo-se eco, com isto, do choramingo da intelectualidade burguesa com respeito ao “determinismo econômico” do marxismo, afirmando que a verdade não tem caráter de classe, defendendo um “núcleo sólido” para encobrir seu cretinismo parlamentar, etc. Ao fim das contas nega a ideologia científica do proletariado: o marxismo-leninismo-maoísmo.

Não podemos esquecer que este Senhor não tem estado sozinho, assaltando o CoMRI, criou seu próprio séquito com o qual pretendeu impor e difundir seus negros vômitos. Frustrado em seus afãs hegemônicos, com sua linha geral derrotada na luta de duas linhas no seio do Movimento Revolucionário Internacionalista (MRI), com suas concepções em bancarrota, não acatou sequer os acordos e passou com “dedicação de artista” e em conluio com Prachanda (“o feroz de papel”) a consagrar-se à liquidação do MRI, contando para isto com postos avançados em distintos países. Isto é mais importante ainda se consideramos que a imposição do maoísmo no MRI como nova, terceira e superior etapa do marxismo, em 1993 – aporte do Partido Comunista do Peru e do Presidente Gonzalo à ideologia do proletariado e ao MCI –, é uma vitória contundente para a classe frente à obstinada negação desta questão ideológica fundamental por parte de Avakian e do PCR-USA, entre outros. Questão similar se viveu em 2000 na reunião ampliada do MRI e na “Declaração do Milênio” na qual se impôs a vigência universal da Guerra Popular.

Frente a esta situação consideramos errôneo simplificar o problema dos desvios, reverses ou capitulações como atribuíveis à existência de um pensamento guia, isto é não entender a dinâmica ideológica, a

repercussão da luta de classes no interior dos partidos e de suas direções, ou seja, a luta de duas linhas e o estreito vínculo do partido com as massas. Ao contrário, sem pensamento guia, é impossível o triunfo da revolução e a passagem desta a etapas mais altas, tal como ficou demonstrado com a Revolução de Outubro e a Revolução Chinesa e o papel de Lenin, de Stalin e do Presidente Mao Tsetung nelas.

No fogo da luta de classes mais aguda o pensamento guia é o crisol donde se fundem a ideologia, o programa e linha política geral da revolução em determinado país. Exemplo disto é o pensamento Gonzalo, isto é, a aplicação do marxismo-leninismo-maoísmo às condições da realidade do Peru, logrando com ele contribuir ao MCI com a sistematização e síntese do maoísmo como nova, terceira e superior etapa do marxismo, incluindo nestes, aportes de validade universal feitos pelo Presidente Gonzalo à ideologia científica do proletariado.

A Guerra Popular no Peru foi e é um alvo chave da ofensiva contrarrevolucionária mundial encabeçada pelo imperialismo ianque, esta ofensiva tem provocado sérios reveses, criando condições para o desenvolvimento de linhas oportunistas de direita, revisionistas e capitulacionistas em dito país. Nenhuma revolução pôde avançar de um só golpe ou por um caminho retilíneo, a história das revoluções ensina que não são poucos os reveses, derrotas parciais e novos avanços. Disto nos falam as revoluções russa e chinesa, como parte da experiência da Revolução Proletária Mundial.

A revolução é a tendência principal histórica e política, Peru não é uma exceção a isto e estamos convencidos que o proletariado do Peru sob a direção do Partido Comunista do Peru e com o apoio do Movimento Comunista Internacional, superará todas as dificuldades, pois sua fortaleza está em sua sólida vinculação com as massas, graças a que conta e pode aplicar sua Base de Unidade Partidária: ideologia marxista-leninista-maoísta pensamento Gonzalo, programa e linha política geral, estabelecidos, comprovados e desenvolvidos em mais de 30 anos de Guerra Popular.

A experiência histórica tem comprovado o dito por Lenin de que pretender combater o imperialismo e a reação, separadamente do combate ao revisionismo e ao oportunismo, não passa de pura fraseologia. Nem a revolução russa nem a revolução chinesa puderam triunfar contra seus inimigos de classe sem antes aplastar o revisionismo e o oportunismo; igualmente durante o socialismo, a luta contra o revisionismo não pode se deter sob o risco de que este triunfe e restaure o capitalismo.

O revisionismo é o perigo principal para a Revolução Proletária, isto fica manifesto não só na conclusão dos acordos de paz, como também quando se outorga caráter meramente tático à luta armada, quando a utiliza para pressionar o velho Estado por reformas. A Guerra Popular tem caráter universal, é o único caminho para a emancipação da classe e do povo, a única via para conquistar e defender seu Poder.

As tarefas revolucionárias do proletariado

No contexto atual da luta de classes ao nível mundial nosso dever revolucionário é assumir as tarefas que a situação demanda:

- Impor o maoísmo como mando e guia do MCI para impulsionar a nova grande onda da revolução proletária mundial, tudo isto em luta contra toda variante de revisionismo e oportunismo, servindo à urgente tarefa de construir a Internacional Comunista.
- Constituir ou reconstituir partidos comunistas maoístas militarizados para desencadear Guerra Popular, nos países dominados pelo imperialismo, fazer a Revolução de Nova Democracia, avançando ininterruptamente ao socialismo, e nos países imperialistas para fazer a revolução socialista, e em todos através de sucessivas Revoluções Culturais alcançar o dourado comunismo, nossa meta irrenunciável. Isto implica construir as ferramentas fundamentais da revolução, Partido Comunista, Exército Popular e Frente Única das classes revolucionárias, sob a direção onímoda do Partido Comunista.
- Lutar por uma conferência internacional maoísta unificada, com o objetivo de combater a dispersão e

aprofundar a luta de duas linhas de forma mais organizada possível que nos leve a alcançar uma maior unidade ideológica e política, sob os princípios do MLM em meio a luta sem quartel contra o revisionismo e todo oportunismo. Uma conferência internacional para estabelecer níveis de coordenação entre diferentes partidos, organizações e iniciativas maoístas que estejam em GP ou preparando-a.

- Impulsionar campanhas conjuntas:

- de apoio às guerras populares em curso, que ademais de ser um dever internacionalista, são uma forma de indicar às massas de nossos próprios países e do mundo, único caminho a seguir uma luta revolucionária para sua emancipação, a Guerra Popular.
- pela liberdade dos presos políticos e prisioneiros de guerra do mundo.

Viva o Primeiro de Maio classista, combativo e revolucionário!

Viva o marxismo-leninismo-maoísmo!

Viva a Nova Onda da Revolução Proletária Mundial!

Morte ao imperialismo, à reação e ao revisionismo!

Abaixo a guerra imperialista e viva a Guerra Popular!

Afora o poder, tudo é ilusão!

1º de Maio de 2013

Partido Comunista do Brasil – Fração Vermelha

Partido Comunista do Equador – Sol Vermelho

Frente Revolucionária do Povo (Marxista-leninista-maoísta) de Bolívia

Fração Vermelha do Partido Comunista do Chile

Associação de Nova Democracia (Peru), Alemanha